



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16745 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT26 - Educação do Campo

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO JOVEM DO CAMPO: A CONTRIBUIÇÃO DO IFBAIANO E DAS EFAs NO SEMIÁRIDO BAIANO

José Conceição Silva Araujo - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO JOVEM DO CAMPO: A CONTRIBUIÇÃO DO IFBAIANO E DAS EFAs NO SEMIÁRIDO BAIANO

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte do projeto de pesquisa de doutorado em andamento, inserindo Pierre Bourdieu no marco teórico e tendo-o como base para a fixação do problema de pesquisa e na elaboração dos instrumentos de coleta de dados.

A formação da juventude camponesa do sertão baiano e a sua profissionalização em vista da qualificação para a vida e para o trabalho sempre foram temáticas que muito me chamaram atenção e por isso obtém um zelo acadêmico-científico em minhas pesquisas desde a graduação em Pedagogia até o Mestrado em Educação.

Atualmente, no semiárido baiano, as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano), são as principais instituições escolares que atuam na profissionalização da juventude de nível médio técnico. As primeiras, organizadas na Rede das Escolas Famílias Agrícolas do Semiárido (Refaisa), atuam mediante a adoção da Pedagogia da Alternância (PA), a qual, nessas escolas, não é só uma simples metodologia de trabalho, é, sobretudo, um princípio educativo. O segundo, enquanto autarquia da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, está organizado em estrutura *muticampi* e é “especializado na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de

conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas”, nos termos da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

No contexto desta pesquisa se faz interessante o auxílio de Pierre Bourdieu, sobretudo sobre a sua crítica ao funcionamento da escola e sua função de conservação social das desigualdades, termo hoje quase que abolido dos estudos acadêmicos. Obviamente, optando pela aproximação marxista que autor demonstra, entendemos que essa mesma escola que se utiliza das suas forças para a conservação das estruturas, pode e precisa ser, dentro das suas realidades, mobilizadora de transformações sociais importantes, partindo, sobretudo, do sujeito, apesar de concordar com Bourdieu quando afirma:

Ora, se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclamam ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios. (BOURDIEU, 2010, p. 53)

Arriscando uma hipótese, poderíamos dizer que muitos daqueles elementos da pedagogia hegemônica, conservadora, ainda subsistem de alguma forma à formação oferecida pelo IFBaiano, o que leva a algumas questões subsidiárias do universo da pesquisa como: quais são os princípios educativos da política educacional adotada pelos diversos *campi* do IFBaiano? O que resta da filosofia de ensino das antigas Escolas Agrotécnicas Federais (EAF)? Em relação às EAFs, mantêm a filosofia e os mesmos princípios, oriundos da sua fundação ou se renderam aos encantos do capitalismo neoliberal? O que há de semelhante entre as práticas educativas das EAFs e IFBaiano? Essas e outras questões são os elementos geradores do problema central desta pesquisa: Como o IFBaiano e as EAFs do semiárido baiano tem contribuído para a formação do jovem ‘sertanejo’ do campo, considerando os fundamentos sócio-históricos e filosóficos de suas propostas de educação profissional?

Desses *loci* da pesquisa se fará necessário investigar, em linhas gerais: a sua identidade específica e a relação desta com o território no qual se situa; as suas histórias de fundação; suas visões de formação e educação profissional; suas estruturas elementares, bem como outros elementos que as circunstâncias exigirem e/ou permitirem.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, a saber estudantes do terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária de ambas as instituições, será necessário saber: quais as transformações percebidas neles no processo de formação oferecido por cada uma das instituições investigadas? Como chegaram e como se veem na atualidade? Ou seja, as escolas foram capazes, com as suas propostas

educacionais, de trazer as mudanças anunciadas (no perfil do egresso, presentes nos PPCs dos cursos, por exemplo) e almejadas por ele(as)? Ou então verificar se não passaram simplesmente, do ponto de vista dos educandos e das famílias, de uma “mera” terra prometida dos excluídos internos, a qual, na linguagem de Bourdieu, é “[...] semelhante a um horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção.” (BOURDIEU e CHAMPAGNE, 2010, p.221), ou ainda, se no curso de suas formações foram excluídos de maneira contínua, apesar de permanecerem em seus seios, sendo relegados/as aos ramos mais ou menos desvalorizados. (cf. BOURDIEU e CHAMPAGNE, 2010, p. 224).

A metodologia de coleta de dados da pesquisa se dá em quatro momentos: análise dos documentos oficiais das escolas (PPP, PPC, regimentos etc.); aplicação de questionários com os estudantes de ambas as escolas; entrevistas com alguns selecionados a partir dos questionários, bem como com alguns docentes e corpo gestor; período de convivência em cada instituição, acompanhando o dia a dia do curso técnico em questão.

Este texto apresenta, além da problemática da pesquisa, os espaços de investigação de forma sucinta bem como parte da discussão teórica, focando a contribuição de Pierre Bourdieu. Por fim, concluímos com as considerações sobre possíveis resultados.

2 OS ESPAÇOS DA PESQUISA: O IFBAIANO, *CAMPUS SENHOR DO BONFIM* E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE MONTE SANTO (EFASE), COMO OBJETOS DE PESQUISA

A região semiárida do Estado da Bahia foi delimitada pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1984 e em 2018, o governo do Estado reconheceu 27 Territórios de Identidade constituídos a partir das especificidades de cada região.

O IFBaiano possui, exceto a reitoria de Salvador, quatorze *campi* espalhados por todo o Estado. Desses, nove estão inseridos na região do semiárido baiano.

Em relação às EFAs, na Bahia, existem duas redes de articulação. Uma é a Associação das Escolas Famílias Agrícolas da Bahia (Aecofaba), a outra é a Rede das Escolas Famílias Agrícolas do Semiárido Baiano (Refaisa). Dentre as escolas que fazem parte da primeira, grande parte está dentro do semiárido, contudo, possuem identidades e formas de trabalho próprias e pouco diferenciadas. Escolhemos trabalhar com as escolas da segunda, a Refaisa, por motivo de não ser possível abarcar todas as EFAs do estado e da totalidade das escolas dessa

rede, 12 escolas, apenas 01 não está no perímetro do semiárido, nossa região de interesse.

Diante da impossibilidade de se trabalhar com todos os *campi* do IFBaiano localizados no semiárido baiano e com todas as EFAs da Refaisa, optamos por selecionar e dividir por Territórios de Identidade. Isso porque dessa forma trabalharemos com entidades que atendem a públicos de regiões específicas, com culturas e valores próprios e específicos daquele local. Assim, associamos a cada território um campus do IFBaiano e a esse uma EFA da mesma região.

Assim sendo, ficamos com a EFA de Monte Santo (EFASE) no território do Sisal (S), e o campus do IFBaiano de Senhor do Bonfim, no território Piemonte Norte do Itapicuru (PNI).

Tal escolha se justifica devido à seleção dos sujeitos a serem investigados. A única EFA do PNI (Antônio Gonçalves) tem por primeira vez uma turma de terceiro ano do curso em questão e o único campus do IFBaiano do Sisal (Serrinha) não oferece o curso integrado almejado.

3 OS SUJEITOS DA PESQUISA E A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL: A CONTRIBUIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU

O que buscamos nesta pesquisa é investigar como as instituições envolvidas tem conseguido e em que medida propiciar uma emancipação intelectual nos jovens camponeses sertanejos do semiárido baiano, estudantes de curso técnico em agropecuária ou, numa linguagem gramsciana, como tem possibilitado a esse sujeitos a realização de uma catarse, ou seja, uma elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência, uma passagem do objetivo ao subjetivo, como movimento de superação dialética, necessário à produção de uma nova hegemonia pelas classes subalternas.

Buscamos aqui um suporte do sociólogo e filósofo francês, Pierre Bourdieu, para nos ajudar a compreender melhor a nossa escolha desses sujeitos no problema de pesquisa.

Para este autor a dinâmica capitalista é uma distribuição desigual de recursos e privilégios, e dentro deste dinamismo os sujeitos sociais desenvolvem modos específicos de fazer, de agir e perceber as coisas, ou seja, cada pessoa desenvolve um conjunto de disposições que lhe dão lugar no mundo, dentro da classe a qual pertence e se desenvolve. É o que ele chama de *habitus*.

Nesta perspectiva fazemos um esforço para apresentar uma leitura mais crítica do Bourdieu, o da miséria do mundo e das mudanças metodológicas

desenvolvidas ao final da sua vida, mais apurado e mais próximo do marxismo, e do estudo das classes. Buscamos sair da tendência escolar reprodutora das condições sociais, com pouco espaço para a luta e a resistência. Vai além disso, vê o movimento da escola indo além da subordinação econômica, nos ajudando a perceber sobretudo que não podemos fazer da sociologia um instrumento de lutas, mas sim um instrumento que nos ajuda a fazer uma leitura das lutas travadas em seu meio. Faz-se necessário, portanto, uma atenção e uma vigilância epistemológica constantes, baseadas em posturas, traquejos e ações nas quais os agentes sociais se vejam como indivíduos, como sujeitos sociais conscientes das forças antagônicas do seu meio, mas também capazes de transgredir e superar as desigualdades sociais. Dito de outra forma, “o corpo socializado (aquilo a que se chama o indivíduo ou a pessoa) não se opõe à sociedade: é uma das suas formas de existência.” (BOURDIEU, 2003, p. 33).

É inegável que os filhos das camadas “superiores” têm mais chances de avançar nos estudos na atualidade. Ainda nos anos '60 Bourdieu afirmava:

Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que o filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média. (BOURDIEU, 2010, p. 41)

Se formos olhar para o Brasil hodierno em relação às matrículas no ensino superior podemos ver muita semelhança com a realidade francesa retratada pelo autor no excerto acima. Isso porque “acessar o ensino superior no Brasil é superar a seletividade que persiste em invisibilizar as desiguais condições de classe/sexo/raça e localização/origem dos setores populares, o que representa ainda uma baixa participação no seletivo espaço universitário brasileiro.” (NASCIMENTO; MARQUES; TRINDADE, 2020, p. 16)

E mais ainda,

No caso dos jovens do campo, a pequena participação 6,9% no número de matrículas na Educação Superior (dados do observatório do PNE, 2016) tem sido superada por meio das políticas implantadas nas últimas décadas e das ações da família, escola, assim como da mobilização dos/as próprios/as estudantes que desafiam e rompem com a forte hierarquização do sistema, o que hoje faz com que eles/as se vejam como “privilegiados” ou “entre aspas” em relação aos seus pais, aos seus familiares e em relação à maioria dos/as jovens das suas comunidades rurais. (NASCIMENTO; MARQUES; TRINDADE, 2020, p. 16)

Essa seletividade revela a ausência de processos democráticos de ingresso e quando as políticas de acesso são atendidas, a grande parte dessa população –

jovem, de classe baixa, do campo – alcançam, na maioria das vezes, ingresso nos cursos menos concorridos e de menor status social como as licenciaturas.

Assim, ao escolhermos analisar a formação profissional desses sujeitos pelas distintas escolas, estamos também analisando o papel de tais instituições de ensino e nos permitindo observar se o seu funcionamento está levando a juventude a elas confiadas a se transformarem e transformarem as suas realidades ou se apenas exercem a sua função de conservação social de privilégios, protegendo-os mais que transmitindo. Daí ser necessário analisar para além dos princípios filosóficos e epistemológicos das escolas, mas observar também a prática pedagógica, pois como nos afirma Bourdieu: “A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve de máscara e justificação à indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor dizendo, exigida.” (BOURDIEU, 2010, p. 53).

Partindo deste ponto, olhamos os sujeitos da pesquisa procurando identificar seus *habitus* e suas predisposições a transformá-los, pois é a partir do *habitus* que eles se constituem, enquanto seres culturais e identitários. Por isso é necessário perceber este conjunto de disposições culturais que os constitui e os instrumentaliza a pensar, classificar, perceber, julgar, escolher etc. (conceito de *habitus*), o que nos ajudará a pensar a sociedade institucional as quais pertencem – as escolas - a partir do coletivo social que eles constituem, mas também a partir do indivíduo. São jovens da classe popular, em sua maioria pobres, do campo (rurais), oriundos do semiárido baiano, nordestinos, e por isso chamados de sertanejos, ou seja, “aquele que vive no sertão, em cidades muito pequenas, aldeias, vias ou regiões no interior, normalmente com hábitos muito simples.” (Dicionário online, 2023).

Daí alguns questionamentos podem surgir para guiar a pesquisa: os estudantes camponeses, podem, por força do *habitus*, terem mais dificuldade de adaptação e conseqüentemente de aprendizagem, sobretudo os que estão nos institutos federais, ambientes cada vez mais urbanizados e pensados para a população citadina?

Eles – os jovens camponeses – estão em um “campo” diferente do seu e por isso podem se sentirem um “peixe fora d’água”. Apesar de Bourdieu nos alertar sobre os “*habitus* individuais”, numa tentativa de recuperar a altivez dos sujeitos, sabemos que eles enquanto “produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa.” (SETTON, 2002, p. 65). Ou seja, esses jovens de cultura própria, ao chegarem no espaço escolar, com a convivência podem ter seu *habitus* modificado pela convivência com o novo

campo no qual se encontra. Mas que tipo de mudanças são esperadas e/ou desejadas por esses estudantes? Transformá-los em urbanos e “dignos” do mercado? Ou dá-lhes uma formação capaz de transformá-los criticamente e serem capazes de escolher por si mesmos permanecer ou mudar o seu estilo de vida, tendo mais liberdade e opções de escolhas profissionais, pessoais e culturais, como permanecerem no campo, apesar de saírem para estudar?

Por outro lado, é importante salientar que as culturas urbana e rural estão cada vez mais confundidas. Não se distingue mais com tanta facilidade o que é próprio de uma e de outra. Nas zonas rurais as tecnologias chegam cada vez mais rapidamente e com qualidade enquanto nos centros urbanos, por sua vez, a depender da condição financeira e da classe a que pertença, os moradores das periferias têm mais dificuldades de acessarem determinados serviços que alguns moradores do campo. Ou seja, com a expansão tecnológica os *habitus* se tornam, assim como o mercado, cosmopolita, internacionalizado, é o que se poderia chamar de *habitus* com disposição de cultura híbrida. Assim, podemos afirmar que não exista mais, pelo menos na maioria dos casos, um *habitus* urbano distinto do rural. A cultura, os conhecimentos diversos, as informações estão disponíveis e acessíveis a quase todos, o problema está na forma de tratamento e da recepção que lhe são dadas.

Outrossim, esse tratamento e essa recepção passam pela escola, com seus tratos e orientações diversas, a qual faz alunos e alunas – aqui no sentido mesmo do latim *alumnus* (*alumni*, no plural), sem luz, sem sabedoria – adotarem atitudes indigentes e de resignação pois nem sempre se sentem parte do todo naquele espaço onde foram colocados e quase sempre percebem que a escola lhes prometeu mais do que está entregando e, por isso perdem o sentido de estar ali.

Daí a resignação desencantada, a qual, segundo Bourdieu e Champagne (2010, p. 224), vem disfarçada em negligência impertinente, visível através da indigência do material escolar, os cadernos e livros presos em barbantes ou jogados em qualquer lugar, quando não esquecidos de propósito nas salas de aulas e outros espaços da escola, quando não carregados de qualquer forma, rabiscados e sujos; sem lápis ou caneta nenhuma para tomar notas durante as aulas, sendo substituídos pelos aparelhos celulares para fotografarem as anotações dos professores no quadro, cujos aparelhos de valor muitas vezes foram oferecidos por ocasiões de aniversário para encorajar e servir de investimento escolar, etc.; ou tal resignação exprime-se ainda pela multiplicação dos sinais de provocação e ou violências diversas em relação aos professores, como celulares com fones de ouvido ligados durante as atividades, as roupas, ostensivamente descuidadas, e muitas vezes exibindo o nome de grupos musicais da moda, inscritos com canetas, que desejam lembrar, dentro da escola, que a verdadeira vida não está ali, mas encontra-se fora dela.

Enfim, a pesquisa busca responder, se de fato, em relação a esses sujeitos, as vivências no ambiente escolar, mudaram ou não as suas disposições de *habitus* e em que medida tem lhes tornado pessoas mais críticas, mais responsáveis e socialmente conscientes do seu papel de cidadãos e cidadãs numa sociedade desigual e contraditória, ao mesmo tempo em que se colocam como elementos constitutivos de sua transformação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento foram coletados os dados dos documentos oficiais das escolas/occi da pesquisa. A análise desses se dará conjuntamente com os questionários, entrevistas e do período de convivência a ser realizado.

Contudo, até aqui foi possível compreender a origem, a estrutura, a identidade, a organização, os princípios filosóficos nos quais estão assentados a construção do currículo e a práxis pedagógica dessas instituições de ensino investigadas.

As entrevistas nos ajudarão a compreender como tais elementos, organizados conjuntamente, podem contribuir para uma formação profissional do jovem camponês no semiárido baiano e se tal formação tem contribuído para o aumento dos seus capitais, seja econômico, social ou cultural, dentro de uma perspectiva crítico-dialética.

Palavras-chaves: Formação Profissional, Juventudes Camponesas, Semiárido Baiano, Instituto Federal Baiano, Escolas Famílias Agrícolas

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. e CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de Educação**. 11 ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Método Científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de Educação**. 11 ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século-Edições, Sociedade Unipessoal. Ltda, 2003.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sertanejo/>. Acesso em: 11/07/2023.

NASCIMENTO, M. B. de M.; MARQUES, T. G.; TRINDADE, D. R. da. Jovens do campo no ensino superior. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 01-30, e020035,

2020. DOI: 10.24065/2237-9460.2020v10n0ID1259. Disponível em:
<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1259>.
Acesso em: 6 jul. 2023.

SETTON, Maria da Graça J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, mai-ago, 2002, p. 60-70.